



## *A história de África vista através de seus estereótipos*

## *The history of África viewed through their stereotypes*

### *Mônica Cordovil de Oliveira Martins Gomes*

Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão do Ensino a Distância na UFF e em Gestão de Sistemas E-learning na Universidade Nova de Lisboa, cursando Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Cândido Mendes. Bacharel em Sistemas de Informação pelo UniFOA, em Teologia nas Faculdades EST e cursando Letras na Universidade Federal Fluminense – UFF, Volta Redonda/RJ, Brasil. Contato: moniacordovil@hotmail.com.

### *Alessandro Martins Gomes*

Doutorando em Estudos Clássicos: Mundo Antigo na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Teologia nas Faculdades EST. Especialista em História Antiga e Medieval pela Faculdade de São Bento do RJ e em História do Império Português na Universidade Nova de Lisboa, Metodologia do Ensino de História e Geografia e História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Bacharel em Direito pelo UBM, Teologia nas Faculdades EST e História pela Estácio de Sá, Volta Redonda/RJ, Brasil. Contato: alessandromartinsgomes@hotmail.com.

#### **Resumo:**

A proposta do artigo é fazer a análise de um conceito sobre África baseado em seus estereótipos, conceito este que funciona como um tipo de classificação, podendo ser negativa ou positiva, sendo a mesma baseada em determinadas características de uma coletividade. A pesquisa é de revisão bibliográfica baseada em obras importantes sobre a história de África. A relevância da pesquisa está na importância de se ter uma visão imparcial e mais aprofundada da história de África, a par de muitos preconceitos que foram criados a partir dessa história. A pesquisa está dividida em quatro momentos. Num primeiro momento, analisaremos a genealogia da palavra África, com suas diversas origens possíveis. Num segundo momento, faremos um exame sobre o olhar eurocêntrico-português sobre a história de África, perpassando sobre a complexa questão do eurocentrismo e seus mitos e preconceitos. Num terceiro momento, faremos também um exame sobre o olhar afrocêntrico sobre a história de África, perpassando pelo conceito de pan-africanismo e as figuras importantes nesse processo. Para finalizar a referida pesquisa, faremos uma conclusão com um posicionamento em relação a estas visões da história de África. Concluímos assim, que África não é apenas uma definição, mas sim, um conceito que escapa à conceitualização definitiva, com ênfase na discrepância entre as visões portuguesa e africana sobre a história de África.

**Palavras-chave:** África. Estereótipos. Olhar eurocêntrico-português. Olhar afrocêntrico.

#### **Abstract:**

The purpose of this article is to analyze a concept based on its stereotypes about Africa, a concept that acts as a kind of classification, being negative or positive, based on certain characteristics of a collectivity. The research is a bibliographical review based on important works on the history of Africa. The relevance of the research lies in the importance of having an impartial and deeper view of the history of Africa, along with many prejudices that have been created from this history. The research is divided into four moments. In a first moment, we will analyze the genealogy of the word Africa, with its diverse possible origins. In a second moment, we will examine the Eurocentric-Portuguese gaze on the history of Africa, passing on the complex question of Eurocentrism and its myths and prejudices. In a third moment, we will also examine the afrocentric gaze on the history of Africa, passing through the concept of pan-Africanism and the important figures in this process. To conclude this research, we will conclude with a position on these visions of

African history. We conclude that Africa is not only a definition, but a concept that escapes definitive conceptualization, with emphasis on the discrepancy between the Portuguese and African views on the history of Africa.

**Keywords:** Africa. Stereotypes. Eurocentric-Portuguese look. Afrocentric look

## Introdução

O presente ensaio vai trilhar um caminho analisando o conceito de África através de seus estereótipos<sup>1</sup>. Em primeiro lugar, será analisada a genealogia da palavra África. Em segundo lugar analisaremos o olhar eurocêntrico-português sobre a história de África. Em terceiro lugar, mostraremos o olhar afrocêntrico sobre a história de África. Por fim, concluindo o ensaio, veremos como o conceito de África escapa a uma conceitualização definitiva.

Um conceito é uma ideia formada, uma percepção ou um entendimento a respeito de algo, é a expressão de um conceito dotado de significado, o qual é verbalizado após a ideia ser compreendida, baseando a interação dessa ideia com o meio, podendo ser considerado também um juízo de alguém sobre algo ou uma opinião própria.

Haja vista que o conceito se baseia em estereótipos, é mister compreendermos o que são estereótipos, os quais podem ser definidos como sendo um pressuposto ou uma ideia generalizada que as pessoas geram sobre as características de um grupo de indivíduos ou grupos sociais. Os estereótipos funcionam como classificações positivas ou negativas, os quais podem ser baseados em características socioeconômicas, raciais ou de gênero.

Diante de tanto anonimato e opacidade da ideia de África, podemos nos perguntar afinal: o que a África e seu povo?

## Genealogia da palavra África

Não é sobre o conceito de África que estamos falando, mas sim do termo África, para o qual existem diversas origens possíveis, sem grandes concordâncias entre suas fontes e significados originais.

“A África tem uma história”<sup>2</sup>, sim, como todos os outros continentes e como todos os outros povos da terra, mas a origem da palavra África ainda é difícil de se explicar.

Zeleza<sup>3</sup> indica alguns caminhos para a origem do nome África e Ki-zerbo<sup>4</sup> também faz elucidações a algumas dessas possíveis origens. Dessa forma, faremos menção das que são

<sup>1</sup> Opinião preconcebida e comum que se impõe aos membros de uma coletividade.

<sup>2</sup> KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. XXXI.

<sup>3</sup> ZALEZA, Paul. “AFRICA, Idea of”. In Horowitz, Maryanne Cline (Ed.). *New Dictionary of the History of Ideas*. vol. 1. NY: Scribners Ed, 2005, p. 19.

<sup>4</sup> KI-ZERBO, 2010, p. XXXI.

mencionadas por ambos, dos quais muitos designavam apenas o litoral norte da África, somente passando a designar o continente num todo a partir do Século I a.C., tais como: 1) Nome romano de Africa sucedendo a forma grega ou egípcia Lybia; 2) Derivada de termos fenícios que significam fruta e espiga, *Pharikia* tem seu significado ligado à fertilidade; 3) Provém de um adjetivo latino *aprica* que está relacionado com sol e *aprike* do grego atrelado à ausência de frio; 4) Proveniente de uma raiz fenícia *faraqqa* que significa separação e diáspora; 5) Pode ser proveniente também do sânscrito e do hindu com a raiz *apara* que denota que vem depois, para o oeste, com sentido de que a África está no Ocidente; 6) Um chefe iemita de nome Africus teria invadido o continente ao norte a.C. e fundado uma cidade chamada *Afrikyah*; ou ainda 7) Derivada de *afer* que seria um neto de Abraão.

Ainda no século V a.C., o historiador Heródoto já indagava a respeito da partilha do mundo em continentes, como e quem fez as devidas determinações:

[...] nunca ninguém chegou à conclusão se há um mar quer a leste quer a norte da Europa. Tudo o que sabemos é que a Europa é igual à Ásia e à Líbia (África) juntas. Outra coisa que me confunde é não saber por que razão estes três nomes específicos de mulher foram dados ao que é de facto uma única extensão de terra e também porque é que o Nilo e o Faso – ou, segundo outros, o Meótico Tanais e o Estreito Cimeriano<sup>5</sup> – foram escolhidos para separar as regiões. Também não consegui descobrir quem foi a primeira pessoa que estabeleceu as fronteiras, ou onde é que foram buscar os nomes<sup>6</sup>.

Sendo assim, podemos concluir, conforme Maria Bettencourt Pires, que a divisão continental é muito antiga, tal como os nomes que foram designados à cada continente, podendo estar ligada a povos ainda anteriores à Herodoto<sup>7</sup>.

### Um olhar eurocêntrico-português sobre a história de África

A questão do eurocentrismo é bastante complexa e na busca pelo seu entendimento podemos identificar muitos obstáculos que surgem no estudo da história de África, através de diversos mitos e preconceitos que surgiram na história desse continente, criando assim uma visão irreal e distorcida desse vasto território que ainda necessita de exploração histórica.

Nessa linha de pensamento, o eurocentrismo pode ser entendido tanto como um paradigma quanto como uma ideologia, baseado na superioridade da cultura e modo de vida europeia sobre os demais povos do mundo.

Segundo Amin<sup>8</sup>, o eurocentrismo deve ser considerado uma ideologia que remonta ao renascimento, definindo seu conceito como “a crença generalizada de que o modelo de desenvolvimento europeu-ocidental seja uma fatalidade (desejável) para todas as sociedades e

<sup>5</sup> Tanais é o Rio Don e Estreito Cimeriano agora é o Bósforo.

<sup>6</sup> HERÓDOTO, *Histórias*, Livro IV, XLV, p. 285.

<sup>7</sup> PIRES, Maria Laura Bettencourt (Coord.). *Estudos Europeus I*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

<sup>8</sup> AMIN, 1994 *apud* BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, nº 1 jun./2008, p. 47.

nações”. Já para Quijano<sup>9</sup>, o eurocentrismo deve ser considerado um paradigma, através de “uma estrutura mental, consciente ou não, que serve para classificar o mundo”. Para Barbosa<sup>10</sup>, ambas as visões se complementam, pois, independentemente da forma com o eurocentrismo se exterioriza, acaba por recair na “superioridade europeia”<sup>11</sup>.

Said também afirma que o conceito de Oriente foi uma invenção europeia com visão orientalista, forjando assim, a visão “do outro” para diferenciarem-se dos europeus com a imagem do “eu” – “Ocidental, civilizado, branco, racional em contraponto ao Oriental, selvagem, de cor, emotivo”<sup>12</sup>.

Na base de qualquer império, segundo Cartier<sup>13</sup>, sempre existe um processo de conquistador-conquistado, notadamente onde um está sobre o outro no que diz respeito ao armamento e à organização, e também, com a formação de uma nova estrutura político-social com a integração dos vencedores na organização dos vencidos.

Conforme Seabra<sup>14</sup>, a colonização sempre existiu na história da humanidade, mesmo antes da expansão do Novo Mundo. Podemos assim citar os casos como do Império Egípcio, do Império Persa, do Império Romano, do Império Árabe, etc., porém, a colonização europeia se deu entre os séculos XVI e XX. Seabra divide a colonização europeia em dois períodos fundamentais: 1415-1500 e 1757-1769, onde o primeiro momento diz respeito à África e o segundo a dominação europeia da Ásia.

No nosso caso, tratando-se de África, podemos dizer que a colonização se iniciou com a tomada de Ceuta em Marrocos. Apesar de a África estar inserida nos intercâmbios internacionais com troca de produtos desde o século XVI, em 1895 suas exportações representavam apenas 0,1% do comércio internacional. Porém, a necessidade de mão-de-obra para o Novo Mundo levou à intensificação da exportação de mão-de-obra escrava. Mas foi a partir da abolição da escravatura no Brasil que o processo de industrialização levou alguns países europeus à uma nova era colonial moderna, que “conduzirá à divisão de África pelas potências coloniais da época”<sup>15</sup>.

Durante muito tempo a África Negra permaneceu envolta em mistério e intransponível pela barreira do Saara, embora seja berço das civilizações mais antigas do mundo. Na Antiguidade, nem o Egito nem Roma ultrapassaram essa barreira, pois “até ao século IX da nossa era, o deserto foi para a África branca mediterrânica um obstáculo tão temível como as tempestades do Atlântico”. Os árabes conseguiram atingir a Nigéria e o Islão até a costa da Guiné, “mas, ninguém aportou à

---

<sup>9</sup> QUIJANO, 2000 *apud* BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, nº 1 jun./2008, p. 47.

<sup>10</sup> BARBOSA, 2008, p. 47.

<sup>11</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28.

<sup>12</sup> SAID, 2007, p. 28.

<sup>13</sup> CARTIER, Michel. *Império*. Enciclopédia Einaudi, 14. Lisboa: INCM, 1989, p. 318 - 329.

<sup>14</sup> SEABRA, Jorge. *África nossa: o império colonial na ficção cinematográfica portuguesa (1945-1974)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

<sup>15</sup> BAIROCH, 1986, p. 311 *apud* SEABRA, 2014, p. 32.

costa da Guiné antes dos Portugueses no século XV”, e, “a aparição dos portugueses inverteu as correntes comerciais”, que antes se dirigiam ao Sul, passaram a deslocar-se do Sudão para a costa”<sup>16</sup>.

A ideologia colonial europeia perpassava em levar o modelo europeu de civilização aos povos mais atrasados, para que os povos de outras raças também pudessem atingir esse patamar de evolução humana. Inicialmente, a colonização se fazia através da fixação de colonos nas colônias com controle político, anexação de territórios e também com a perda da soberania do território colonizado, podendo citar aqui diversos marcadores dessa situação:

A desigualdade relacional e a descontinuidade territorial entre o país colonizador e o país colonizado, a disjunção cultural e social entre colonizadores se colonizados, a eliminação da autonomia do colonizado e a hegemonia sempre reforçada do colonizador, [...] o exercício constante da dememorização das populações dominadas em relação à sua própria história, introduzindo a história do colonizador e incentivando uma nova memória que reorganiza a hierarquização dos homens de acordo com a norma do colonizador<sup>17</sup>.

O termo colonialismo surge como um patamar mais obscuro da colonização, com todos “os excessos”<sup>18</sup> desse processo, um termo imbricado na essência do imperialismo, o qual renasce no Ocidente na emergência moderna. Esse período de colonização ficou marcado com a superioridade europeia sobre os habitantes de América e de África, tendo essa superioridade se exteriorizado por meio da expressão “fardo do homem branco” no poema do britânico Rudyard Kipling que ia ao encontro do imperialismo.

Mesmo após grande enfraquecimento das metrópoles europeias e o surgimento de diversos movimentos nacionalistas no seguimento dos movimentos de descolonização das colônias africanas, Portugal insistia no caráter colonialista em suas relações com as colônias, recusando sempre a mudar a essência dessas relações. Mas, essa ideologia colonialista não ficou somente nesse período distante, persistiu no decorrer do tempo. Em 1880, Oliveira Martins defendia que a educação dada às crianças de cor escura é algo absurdo, devido à capacidade mental que julgava que elas não possuísem.

Após a instauração da ditadura militar em 1926, continuava a persistir a diferença cultural dita genética entre os europeus e os africanos, marcando assim a produção científica portuguesa. Em 1961 o preconceito marcou ferozmente o discurso de Cunha Leal, importante político da Primeira República. Salazar nos anos 50 também assumiu essa postura, afirmando a existência de raças atrasadas que necessitavam de civilização, e, ainda se pautou em Gilberto Freyre, que outrora era seu opositor, mas viera a mudar de lado e passara a exaltar o colonialismo português após 1945.

<sup>16</sup> COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (Org). A Descoberta de África. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 14-15.

<sup>17</sup> HENRIQUES, Isabel Castro. *Colonialismo e História*, Working Papers CesA/CSG, n. 132. Lisboa: Cesa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2015, p. 4.

<sup>18</sup> HENRIQUES, 2015, p. 4.

Interessante notar que até essa data, Freyre exaltava a mestiçagem, e, nesse sentido, a formação da cultura brasileira consistiu sempre em “um processo de equilíbrio de antagonismos”<sup>19</sup>, pois “a nossa sociedade em formação conseguiu “equilibrar” os antagonismos entre essas culturas diferentes para formar uma nova cultura, uma cultura original, até então não existente no mundo: a cultura brasileira”. Portanto, fica claro sua alusão à miscigenação quando diz que a “cultura brasileira é híbrida, isto é, miscigenada, formada por elementos que vêm de culturas muito diferentes entre si; e ela é também plural, pois suas manifestações são diversas e têm raízes múltiplas, que podem ser populares ou eruditas, por exemplo”<sup>20</sup>.

Mas, apesar de toda essa elucidação, na década de 60, Freyre e Salazar afirmavam que Portugal era uma nação “marcada pela ausência de preconceito racial nas práticas coloniais e civilizacionais portuguesas”<sup>21</sup>. Nesse mesmo sentido, afirma Franco Nogueira:

Fomos nós, e nós sós, que trouxemos à África antes de ninguém a noção de direitos humanos e de igualdade racial; e somos nós, e só nós, que praticamos o multirracialismo, havido por todos como a expressão mais perfeita e mais ousada de fraternidade humana e progresso sociológico<sup>22</sup>.

Diogo Ramada Curto<sup>23</sup> em “O Atraso Historiográfico Português” na introdução da obra *Opera Minora III*, fala sobre o foco de Boxer nesse terceiro volume, que passa das fontes (nos volumes anteriores) para o fazer história – historiografia. Podemos citar os dois primeiros artigos desta coleção, que faz um balanço da historiografia portuguesa, perpassando o caminho das “investigações históricas sobre Portugal e o seu Império durante o período moderno, com importantes contribuições tanto de estrangeiros, como “Schurhammer, Braudel e Boxer”, quanto por portugueses como “Magalhães Godinho”. Esse distanciamento de escrita com relação à historiografia portuguesa, dá-lhe “um forte sentido crítico, em particular no que respeita à produção interna, contemporânea das manipulações ideológicas do passado feitas pelo Estado Novo”<sup>24</sup>.

Assim, Isabel Castro Henriques mostra bem claramente o atraso historiográfico português na escrita anterior a 1974, sempre caracterizado em recursar lograr autonomia à história do outro exteriorizado, nesse caso, pelos povos colonizados, impedindo uma escrita histórica desses como sendo povos portadores de culturas e história próprias. Dessa forma, a historiografia portuguesa ficou limitada aos mitos de evocação do heroísmo português em detrimento do outro, conferindo à visão portuguesa sobre a história de África um sentido de ausência de uma reflexão mais profunda desmistificada da ideologia colonizadora, através de uma possível produção historiográfica imparcial.

---

<sup>19</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 53.

<sup>20</sup> FREYRE, 1995, p. 55.

<sup>21</sup> HENRIQUES, 2015, p. 8.

<sup>22</sup> NOGUEIRA, 1967, p. 197-198 *apud* HENRIQUES, 2015, p. 8.

<sup>23</sup> CURTO, Diogo Ramada. *O Atraso Historiográfico Português*, p. XIII-XIV In BOXER, Charles Ralph. *Opera Minora*, vol. III. Lisboa: Fundação Oriente, 2002.

<sup>24</sup> CURTO, 2002.

Podemos citar aqui um grande historiador português, Jaime Cortesão, que afirmou que a integração de mestiços na administração colonial causou a ruína do Império do Oriente, na obra *História de Portugal* de Damião Peres. Por outro lado, podemos citar Vitorino Magalhães Godinho, que lutara pela renovação da historiografia portuguesa expansionista à luz de uma historiografia mais reflexiva e contemporânea, pois, durante muito tempo a historiografia portuguesa vigorava baseada em um mito, “escondiam-se o tráfico de escravos e os documentos incômodos”, não interessando nesse sentido, a busca pela verdade, justificando assim, “a grandeza imperial”<sup>25</sup>.

Embora vejamos essa preocupação em mudar a visão europeia sobre o outro, não era uma preocupação real dos historiadores portugueses, existiam apenas algumas vozes no meio da multidão que buscavam essa mudança do olhar superior sobre o outro, a desmitificação do heroísmo português e a denúncia à manipulação da história colonial, como algumas observações dirigidas por Joel Serrão no *Dicionário da História de Portugal*. Mas, de modo geral, a rejeição era quase unânime em descartar o racismo como fator que influenciava a ideologia colonial.

A história de África produzida pelos portugueses se recusava a dar autonomia à história africana, sem mesmo fazer qualquer tipo de reflexão sobre a história das sociedades dominadas. Tanto Silva Rego quanto Marcel Caetano defendia a continuidade desse silêncio em relação à história africana, organizados com base em um quadro de mitos com algumas verdades históricas, que se resumem em: “o papel de pioneiro dos portugueses na abolição do comércio negreiro e da escravatura”, a escrita da história colonial tentando justificar a longa presença portuguesa e seus direitos históricos, e também, a hegemonia do controle português na relação com os africanos.

Podemos exemplificar com o caso de Angola, que teve sua história escrita quase que exclusivamente pelos portugueses, notadamente centrando sua base na hegemonia e exclusividade dos portugueses em contar a história Angolana. Finalizando, Isabel Castro Henriques identifica três tipos de escrita histórica:

A primeira estava concentrada na ideologia mitológica da história colonial portuguesa, a qual reduzia a história de Angola a uma pequena parte e de menor importância dentro da história de Portugal. Podemos citar António Baião, Joaquim Veríssimo Serrão e Silva Rego, sempre com a mesma postura, em defender Portugal como país soberano perante as colônias.

O segundo tipo de escrita reconhecia a história dos africanos de forma independente da história de Portugal, mas não na sua totalidade, somente em alguns pontos específicos. Nesse viés podemos citar Alberto de Lemos, que pode dar lugar à uma escrita da história angolana, mas mantendo a fidelidade à história de Portugal.

O terceiro tipo de escrita conferiu um lugar central à história africana, destacando a importância da relação entre África e Portugal, mas que, ainda, às vezes recaía na raiz soberana de Portugal. Esse viés de pensamento, com poucos adeptos, podemos citar Norton de Matos, que pode abrir um espaço para a história dos africanos, de forma que pudesse se articular com a história de

---

<sup>25</sup> GODINHO, 1990, p. 13-14 *apud* HENRIQUES, 2015, p. 17.

Portugal, ressaltando a importância dos povos africanos para sua própria história. Podemos também destacar nesse mesmo viés, Francisco Castel Branco, que pode registrar fatos históricos angolanos e portugueses, destacando os problemas vividos pelos angolanos e as melhorias que receberam com a presença dos portugueses.

### **Um olhar afrocêntrico sobre a história de África**

Após entendermos a visão eurocêntrico-portuguesa da história de África, fica clara a invenção da África pelo Ocidente com diversos equívocos com relação aos povos africanos e sua história. Nesse sentido, pode-se ver claramente como a historiografia portuguesa na escrita sobre África deixou muitas marcas na história desse povo, construindo uma visão com estereótipos e imagens através de um olhar imperial. Por isso, grande parte dos escritos sobre a história de África está imbricada em sentimentos de preconceitos, e muitas vezes por falta de conhecimento da história desse continente. Assim, devemos concordar com Chauí que “[...] não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância.”<sup>26</sup>

Em meados do século XX, a historiografia sobre a África passa a ser mais reconhecida e com menos hegemonia, passando a ser mais crítica e podendo ser mais indagada. Podemos citar como precursores os trabalhos de Y. Urvoy, quando se inicia uma historiografia buscando resgatar a história africana através da busca de elementos de sua identidade que foram esquecidos pela ideologia colonialista<sup>27</sup>.

No final do século XX, com o processo de descolonização, muitas marcas foram deixadas pelas potências europeias. Assim, as potências coloniais mudaram de atitude em relação à África, afinal, a reputação da Europa ficou bastante abalada após as duas Guerras Mundiais em sua “missão civilizadora”, provocando sua incapacidade de continuar com seu domínio imperial, fazendo ruir o sistema colonial.

Desta forma, os europeus já não podiam mais resistir às pretensões nacionalistas africanas, o que fez aumentar essas frentes, pois, para os europeus, a perda do domínio político não implicaria em perda de mercado e recursos coloniais. Assim, os africanos ocidentais puderam perceber mais rapidamente que precisavam defender os negros da dominação branca, e, mais especificamente, empenharam-se muito os afroamericanos, tendo como um de seus precursores Du Bois e Marcus Garvey<sup>28</sup>.

Alexander Crummell e Edward Wilmot Blyden iniciaram o processo de articulação intelectual da ideologia pan-africanista e Du Bois lançou a semente desta ideologia com a prática do movimento.

---

<sup>26</sup> CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1982, p. 7.

<sup>27</sup> HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Sele Negro, 2008, p. 23.

<sup>28</sup> HERNANDEZ, 2008, p. 493.

Podemos conceituar pan-africanismo como um conjunto de ideias que englobam movimentos políticos e ideais de liderança africanas com a noção de que a marca do racismo e do colonialismo em África seriam um grande problema. Também defendiam uma maior união dos africanos e um retorno da diáspora, que deixou um grande legado de literatura e escritos históricos<sup>29</sup>.

Du Bois viveu (1868 – 1963) muito e sua carreira intelectual o acompanhou, sua vida abrangeu quase todo período de controle colonial europeu sobre a África, com uma carreira e postura muito coerentes. Sua primeira intervenção foi uma discussão a respeito de raças dos seres humanos, onde apresentou um artigo “A apresentação das raças”, em que entende a existência das raças branca, negra e amarela. Porém, assim indaga:

A pergunta agora é: qual é a verdadeira distinção entre as nações? Serão as diferenças físicas de sangue, cor e medidas cranianas? Certamente, todos devemos reconhecer que as diferenças físicas desempenham um grande papel [...]. Mas, embora as diferenças raciais tenham seguido principalmente linhas físicas, nenhuma simples distinção física realmente definiria ou explicaria as diferenças mais profundas – a coesão e a continuidade desses grupos. As diferenças mais profundas são as espirituais e psíquicas – indubitavelmente baseadas nas físicas, mas transcendendo-as infinitamente<sup>30</sup>.

Appiah<sup>31</sup> depreende que, Du Bois assimila um conceito de raça sócio-histórico, e não científico – biológico, e que cada uma delas tem sua função na humanidade e que a mensagem de Deus através da raça negra ainda não foi totalmente revelada ao homem.

Devemos aqui citar um intelectual de grande importância para a libertação ideológica de África, Ali Al-Amin Mazrui. Nascido em Mazrui de Mombassa, no Quênia, localizada na África Oriental no dia 24 de fevereiro do ano de 1933 é um dos componentes do Clã Mazrui. Seu clã tem origem em uma família islâmica muito religiosa e com histórico louvável, onde encontramos grandes estudiosos, assim como governantes e juristas que comandaram Mombassa por quase uma centena de anos. Mazrui teve contato com instrutores britânicos enquanto lecionava no Instituto Mombassa de Educação Muçulmana, e foram estes que colaboraram na obtenção de uma bolsa de estudos na Grã-Bretanha onde ele se graduou em Política na Universidade de Manchester.

Contudo, Mazrui não parou por aí, continuou a sua busca por conhecimento se formando Mestre na Universidade de Columbia em 1961 e Doutor na Universidade de Oxford em 1966. Foi durante seu período de estudos em Oxford que houve um grande clamor pela independência dos países africanos. Neste período também cabe destaque a volta ao continente de vários estudantes nativos que estavam buscando conhecimento na Europa, mas, além disso, a formação de novos

---

<sup>29</sup> AYDIN, Cemil. Africa. In IRIYE, Akira; SAUNIER, Pierre-Yves (Eds.). *The Palgrave Dictionary of Transnational History*. London: Palgrave Macmillan Publisher, 2009, p. 16.

<sup>30</sup> DU BOIS, W. E. B. The Conservation of Races. *American Negro Academy Occasional Papers*, n.2, 1897, p. 78.

<sup>31</sup> APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 55.

partidos políticos como o Action Group, o *Nigeria Council of Nigerian Citizens*<sup>32</sup> (NCNC) na Nigéria e o CPP em Gana que objetivavam a garantia da liberdade política nos seus países.

Todas estas mudanças incentivaram o incremento nos estudos acerca da cultura e da política africanas. Nos Estados Unidos houve uma multiplicação dos *African Studies*<sup>33</sup> e dos *Research Centers*<sup>34</sup>. No final da década de 1960, Ali Al-Amin Mazrui defendeu com êxito a sua tese de doutorado que teve como temática a África anglófona pós-colonial. Seu estudo teve grande repercussão no cenário cultural da época, o que conseqüentemente deu início a uma série de palestras e publicações.

Mesmo após todo o tempo em que estava vivendo e estudando dos Estados Unidos e na Europa, e com contato direto com uma cultura muito diferente da sua, Mazrui não deixou de lado a sua herança africana, sendo assim, ele acabou se envolvendo com questões sindicais que o levaram a ocupar o cargo de presidente da *African Students Association*<sup>35</sup> em Manchester, mas também a desempenhar um papel fundamental nos assuntos africanos nas universidades por onde passou no que diz respeito às disciplinas de literatura, estudos africanos e islâmicos, o que lhe valeu o nome de “Mazrui múltiplo”.

A trajetória acadêmica de Ali Al-Amin Mazrui está repleta de artigos, livros e palestras onde este elencou temas e questões relacionadas com a condição africana. Admirava Mandela, Julius Nyerere (presidente) e Kwame Nkrumah, sendo que deste último veio o estímulo para o que ele conceituou de “Africa’s Triple Heritage”<sup>36</sup>. Seu sucesso no mundo acadêmico assim como este conceito chamou atenção da imprensa inglesa que produziu uma série que foi amplamente divulgada pela BBC/PBC intitulado *The Africans: A Triple Heritage*<sup>37</sup>. Ali Al-Amin Mazrui, ilustríssimo professor, mestre, doutor, ex-diretor do *Institute of Global Cultural Studies*<sup>38</sup>, recebeu o título Albert Schweitzer Professor em Humanas na Binghamton State University<sup>39</sup> de New York. Ele faleceu aos 81 anos no dia 12 de outubro de 2014.

Entre tantas publicações importantes que elencaram seu papel na história, ele foi nomeado entre os 100 maiores intelectuais do mundo pela Foreign Policy Magazine em 2005, uma revista americana especializada em assuntos políticos. Contudo, é preciso mencionar que toda a sua trajetória até o ápice do sucesso acadêmico foi feita em meio a pedras e rochas, por obstáculos que foram sendo superados. Ele teve negado vários pedidos de bolsas e de cargos tanto em seu país quanto em instituições europeias e americanas, mas não desistiu e persistiu até conseguir alcançar seu objetivo, tornar-se um grande estudioso, professor e pesquisador de sua cultura, do povo africano e do próprio africanismo. Ali Al-Amin Mazrui, através de suas obras incentivou e instigou

---

<sup>32</sup> Conselho da Nigéria de Cidadãos Nigerianos.

<sup>33</sup> Estudos africanos.

<sup>34</sup> Centro de Pesquisa.

<sup>35</sup> Associação de estudantes africanos.

<sup>36</sup> Triplo patrimônio da África.

<sup>37</sup> Os africanos: um patrimônio triplo.

<sup>38</sup> Instituto de estudos culturais globais.

<sup>39</sup> Universidade estadual de Binghamton.

outros autores e pesquisadores a olhar para a África de forma a identificarem os seus problemas sociais, sendo assim considerado academicamente como grande mestre e inspiração<sup>40</sup>.

Podemos citar a obra *Africanity Redefined* de Mazrui, que já no prelúdio o autor mostra que o conceito de africano não implica apenas em uma questão geográfica, mas sim, social e política. O referido autor defende que o conceito de africano perpassa um conjunto de fatores, sim sociais e geográficos, mas principalmente por um conjunto de fatores históricos e políticos, desenhando assim a identidade africana com suas características próprias e sua herança histórica. Mazrui também afirma que foi o próprio europeu que levou à África sua condição de “ser africano”, a partir do momento que adentrou no território africano com sentimentos eurocentristas, indicando a cor da pele de seu povo e fazendo com que eles próprios se olhassem como diferentes.

Podemos também destacar o trabalho de Y. Mudimbe, que também indagou a construção historiográfica africana sobre os moldes eurocêtricos construída no contexto histórico do colonialismo. Em sua obra “A Ideia de África” em 1994, “ele procura demonstrar que as narrativas ocidentais conquistadoras [...] através dos discursos contemporâneos pós-modernistas, silenciaram radicalmente os discursos africanos”, mas, segundo o Mudimbe, os intelectuais africanos reagiram frente à essa inércia, desafiando o início de um novo processo de afirmação, inversão e reconstrução da identidade africana<sup>41</sup>.

Nesse período também ocorreu outro grande movimento pela luta da identidade africana contra o *Apartheid*. O contexto político era tenso no período em que Mandela toma posse da presidência da África do Sul. Mandela iniciou sua luta contra a segregação racial quando se associou ao Congresso Nacional Africano (CNA). Em 1948 o Apartheid foi instituído, “tornando legítima a segregação racial no país”<sup>42</sup>, justamente o contrário pelo que Mandela tanto lutava. Durante os vinte e seis anos que esteve preso tornou-se símbolo da luta anti-apartheid, pois mesmo preso obteve apoio de diversas organizações e segmentos sociais. Dessa forma, houve uma grande pressão internacional e o presidente da África do Sul ordenou a soltura de Mandela. Os dois passaram a trabalhar juntos por um regime sem discriminação. Em 1993 ambos dividiram o Prêmio Nobel da Paz, e, em 1994, Mandela é o primeiro presidente negro eleito na África do Sul.

No que tange ao contexto histórico-cultural, podemos destacar a diversidade étnica pela qual a África do Sul é composta, com aspectos africanos e culturais e, ainda

A transição do regime do Apartheid a um regime democrático na África do Sul não foi dos mais pacíficos, mas pode ser considerado como um grande momento político. O governo democrático que assumiu o poder em 1994 teve que lidar com uma situação bastante complexa. Se por um lado herdou a mais desenvolvida das economias africanas, com uma moderna infraestrutura, por outro, herdou também grandes problemas socioeconômicos,

<sup>40</sup> MAZRUI, Ali. Prelude: who are the Africans? Identity in Search of Unity. In LAREMONT, R.R. (Ed.) *African Redefined. Collected Essays*, Vol. 1. Trenton: Africa World Press, 2002, p. 39.

<sup>41</sup> ZELEZA, Paul. Idea of Africa. In HOROWITZ, Maryanne C. (Ed.). *New Dictionary of the History of Ideas* (vol. 1). New York: Scribners Ed, 2005, p. 21.

<sup>42</sup> GUIA Grandes Líderes da História (Nelson Mandela / Martins Luther King). Online Editora, 2016, p. 5.

incluindo um alto nível de desemprego, índices alarmantes de pobreza, alta concentração de renda, além de intensa violência.<sup>43</sup>

Nesse período, após a fusão política pelo Partido Unido (somando o Partido Sul-Africano e o Partido Nacional) os nacionalistas voltam novamente ao poder, e a África do Sul entra numa nova fase política, econômica e social, “a população de origem inglesa manteve o poder econômico, enquanto os afrikaners passaram a deter o poder político. Assim, a institucionalização do Apartheid tornou-se um dos pilares do novo surto de desenvolvimento.”, e, ainda é preciso lembrar que

A elite branca mantinha vínculos tradicionais com a Europa Ocidental e posteriormente com os Estados Unidos. Geograficamente, o país encontra-se na confluência de rotas marítimas e possui, em seu subsolo, riquezas minerais importantes para o desenvolvimento econômico moderno que o Ocidente necessita e que faz da União um bastião do chamado mundo livre.<sup>44</sup>

A história de África ainda é envolta em mistérios e mitos com muitas sombras que não nos deixam ver claramente a sua real história. Porém, há algumas décadas iniciaram-se projetos para uma leitura mais real e rescrita da história de África, retornando-se à ciência para retornar à história de África em sua verdadeira essência<sup>45</sup>. Como exemplo desse tipo de iniciação científica, podemos citar a obra *História Geral da África* da UNESCO, que também veio corroborar a intenção de tirar a visão mitológica e mostrar a real história do continente africano, mostrando que as sociedades africanas são sim passíveis de estudo e historiografia próprias. A obra dedica-se ao estudo de mais de três mil anos de história da África, em oito volumes, cada qual compreendendo aproximadamente oitocentas páginas de texto com ilustrações.

### **Conclusão - A ideia de África – um conceito que escapa à uma conceitualização definitiva**

Buscamos nesse ensaio um conceito de África, e, para isso, passamos pelas possíveis origens do nome África, analisamos a visão eurocêntrica dos portugueses e também visão afrocêntrica da história de África. A primeira mostrava a história de África com uma perspectiva sob um padrão europeu com o indicativo de que esse fosse um modelo para se compreender a história de África, e, a segunda, foi uma forma de reivindicar uma história mais autônoma de África através dos autores que passaram a combater o eurocentrismo, tirando o africano de uma posição passiva para uma posição ativa na história, desmistificando a visão de atraso e de vitimização dos africanos.

Ficou claro que a genealogia da palavra África não nos pode dar uma visão do conceito do que é África, pois a palavra pode estar ligada às questões de dominação e laços geográficos, mas, um conceito de África não é algo estático, é um caminho ainda em construção, que não pode ser considerado consolidado:

<sup>43</sup> PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A (Longa) História da Desigualdade na África no Sul. *Philia&Filia - O Mal-Estar na Cultura e na Sociedade*, Porto Alegre, vol. 02, n° 1, jul./dez. 2011, p. 118-119.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>45</sup> Ki-zerbo, Joseph, 2010, *op. cit.*, p. XXXII-XXXIII.

É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo, existe uma identidade nascente. E ela tem um certo contexto e um certo sentido. Porque, quando alguém me encontra, digamos, numa loja de Cambridge, ele indaga: “Você é da África?” O que significa que a África representa alguma coisa para algumas pessoas. Cada um desses rótulos tem um sentido, um preço e uma responsabilidade<sup>46</sup>.

Ficou bastante claro também, a discrepância existente entre a visão portuguesa e a visão africana sobre a história de África. A primeira tem uma perspectiva de vitimização dos africanos e impõe a eles uma história adjacente à história de Portugal, e a segunda propõe uma tentativa de conferir aos africanos uma história própria desmistificada da ideologia colonial portuguesa, que por muito tempo a sufocou.

A escrita mostra bem essa diferença entre as duas visões, pois a escrita portuguesa da história de África estava sempre envolta na reverência e exaltação da ideologia colonialista e no heroísmo do empreendimento civilizacional, a fim de dar uma oportunidade de evolução aos povos mais atrasados e renegados. Enquanto que a escrita sob a visão afrocentrista passa a criticar e a indagar essa postura racista de ver a história de África, o que culminou no movimento do pan-africanismo, passando a não mais aceitar a diferença de cor como ponto principal que divergem as raças humanas, através de um conceito mais sócio-histórico do que científico.

Nesse sentido, há que se entender que, tempos após os processos de colonização e descolonização, começa a existir uma verdadeira identidade africana, pois:

Toda identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, a religião, de “heresia”, e a ciência, “de magia”. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente.<sup>47</sup>

## Referências

AMIN, Samir. *Eurocentrismo: crítica de uma ideologia*. Lisboa: Dinossauro, 1994.

APPIAH, Kwane Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AYDIN, Cemil. Africa. In IRIYE, Akira; SAUNIER, Pierre-Yves (Eds.): *The Palgrave Dictionary of Transnational History*. London: Palgrave Macmillan Publisher, 2009, p. 15-18.

BAIROCH, Paul. *Colônias*, Enciclopédia Einaudi, 7. Lisboa: INCM, 1986, p. 304-325.

<sup>46</sup> ACHEBE, Chinua. Entrevista com Anthony Appiah, D. A. N. Jones e John Ryle no *Times Literary Supplement*, 26 de fevereiro de 1982 *apud* APPIAH, Kwane Anthony, 1997, p. 241.

<sup>47</sup> APPIAH, Kwane Anthony, 1997, p. 243.

- BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In *Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, nº 1, jun./2008, p. 47-63.
- BOXER, Charles Ralph. *Opera Minora*, vol. III. Lisboa: Fundação Oriente, 2002.
- CARTIER, Michel. *Império*, Enciclopédia Einaudi, 14. Lisboa: INCM, 1989, p. 318-329.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1982, p. 7.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (Org). *A Descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- DU BOIS, W. E. B. The Conservation of Races. *American Negro Academy Occasional Papers*, n. 2, 1897.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. *Mito e Mercadoria: utopia e prática de navegar – Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel, 1990.
- GUIA Grandes Líderes da História (2016) (Nelson Mandela / Martins Luther King). Online Editora, 2016.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Sele Negro, 2008.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *Colonialismo e História, Working Papers Cesa/CSG*, n. 132. Lisboa: Cesa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2015.
- HERÓDOTO, *Histórias*, Livro IV, XLV.
- KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.
- MAZRUI, Ali. Prelude: who are the Africans? Identity in Search of Unity. In LAREMONT, R.R. (Ed.) *African Redefined. Collected Essays*. Vol. 1. Trenton: Africa World Press, 2002, p. 37-43.
- NOGUEIRA, Franco. *The Third World*. Londres: Johnson, 1967.
- PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A (Longa) História da Desigualdade na África no Sul. *Philia&Filia*, Porto Alegre, vol. 02, nº 1, jul./dez, 2011.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt (Coord.) *Estudos Europeus I*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Coord.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-46.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEABRA, Jorge. *África nossa: o império colonial na ficção cinematográfica portuguesa (1945-1974)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

ZELEZA, Paul. AFRICA, Idea of. In HOROWITZ, Maryanne C. (Ed.). *New Dictionary of the History of Ideas*, vol. 1. New York: Scribners Ed, 2005, p. 19-25.